

Priscylla Conceição Guerreiro dos Santos

Análise da efetividade social das intervenções urbanísticas de água e esgoto no caso da Favela Cantagalo.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Mauro Kleiman

Rio de Janeiro

2012

Priscylla Conceição Guerreiro dos Santos

Análise da efetividade social das intervenções urbanísticas de água e esgoto no caso da Favela Cantagalo.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Mauro Kleiman

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Professor. Dr. Mauro Kleiman

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional-UFRJ

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela providência, força de vontade e perseverança de ter chegado até aqui.

A minha família pelo apoio, alegria em todas as etapas da minha vida.

Aos colegas de curso pela amizade e presteza a mim concedida.

Aos funcionários do IPPUR, da biblioteca, secretaria e aos profissionais auxiliares de serviços gerais, que, mesmo num momento de greve, fizeram um esforço para nos servirem com qualidade.

A todos os professores do curso de especialização em Política e Planejamento Urbano, por todas as contribuições nas disciplinas e pela atenção com todos os alunos.

Ao professor Mauro Kleiman, orientador e que sempre ajudou-me a seguir o caminho do conhecimento com sabedoria e determinação. Além de estar sempre a inteira disposição para o que fosse necessário para o meu crescimento profissional e assim fazendo com que eu soubesse dar valor a profissão de ser uma Historiadora e agora pós-graduada em Política e Planejamento Urbano. Sempre o terei como exemplo de vida!!!

Análise da efetividade social das intervenções urbanísticas de água e esgoto
no caso da Favela Cantagalo

Priscylla Guerreiro

priscylla.guerreiro@gmail.com

Resumo

O trabalho apresenta análise de pesquisa desenvolvida no âmbito de trabalho de conclusão de curso do curso de Pós Graduação em Política e Planejamento Urbano e Regional-UFRJ sobre a efetividade social das tentativas de implantação de redes-serviços de água e esgoto na Favela do Cantagalo no Rio de Janeiro. Na ausência para acesso de água e esgoto as camadas populares moradoras de favelas criam práticas para suprirem suas necessidades e desses serviços básicos. Os programas de intervenções urbanísticas como o Favela Bairro e o Pac muitas vezes não levam em conta a cultura já criada pelas práticas de criação de utilização de redes-serviços de água e esgoto. Observam-se obras incompletas e de má qualidade, e um descaso entre uma implantação mais de água que de esgoto, deixando que as áreas de baixa renda ainda possuam a difícil inserção na cidade formal, no mundo urbanizado. Numa análise de corte qualitativo, com levantamento de dados secundários, combinando com o deslocamento da questão de infraestrutura da esfera estritamente técnica para a esfera social e dos estudos das micro-situações, entrevistas com moradores e suas histórias de vida serão de suma importância para o estudo tomado como caso da Favela do Cantagalo.

Palavras-chave: *Efetividade social, Favela, Intervenções públicas, Redes de água e esgoto.*

*Analyze the effectiveness of social interventions for urban water and sewage in
the case of Favela Cantagalo.*

ABSTRACT

The paper presents analysis of research developed in the scope of work of completion of the course in the Graduate Policy and Urban and Regional Planning-UFRJ about the effectiveness of attempts to implement social networks, water and sewage services in the Favela Cantagalo Rio de Janeiro. In the absence of access to water and sewer the lower classes living in slums create practices to meet their basic needs and these services. The programs urban interventions as the Favela Bairro and Pac often do not take into account the culture created by the practices already established for the use of networks, water and sewage services. There are works incomplete and of poor quality, and a disregard of a roll over of sewage water, leaving the low-income areas also have the difficult integration into formal city, the urbanized world. In a qualitative analysis, a survey of secondary data. Combined with the issue of displacement of the sphere strictly technical infrastructure for social and studies of micro-situations, interviews with residents and their life histories are of paramount importance for the taken as case study of the Favela Cantagalo.

Keywords: *Effective social, Favela, public speeches, Waterworks and sewers.*

*Análise da efetividade social das intervenções urbanísticas de água e esgoto
no caso da Favela Cantagalo*

SUMÁRIO

1 Introdução	8
2 Favela e Infraestrutura	10
3 Caso da Favela Cantagalo	15
3.1 Histórico	15
4 Quanto as intervenções Urbanísticas	22
5 Conclusão	27
6 Referências Bibliográficas	29

Introdução

O caso de estudo é a favela do Cantagalo de onde a mesma tem obras sendo realizadas de serviços e redes como água e esgoto e as obras já terminadas. Com isso, uma análise será feita em vários momentos dos indicadores de qualidade, dos indicadores dos padrões de estruturadas redes como a prestação de serviços, seus impactos na sociedade e nas praticas cotidianas dos moradores. Espera-se com esse estudo escolhido mencionado que uma ampliação do conhecimento analítico-qualitativo das condições de habitabilidade antes e pós-obras, incluindo a prestação dos serviços e seus impactos quanto ao grau de inserção na cidade formal, contribuindo tanto para o debate como subsidiar mudanças nas políticas de urbanização de favelas no seu contexto atual onde as mudanças têm sido frequentes.

O objetivo central desse trabalho é estudar as intervenções urbanísticas e de infraestrutura na Favela do Cantagalo e seus impactos nas práticas cotidianas e modo de vida através das intervenções públicas como o Favela Bairro, Pac e UPP. Especificamente neste trabalho será feito a análise da efetividade social de programas de urbanização da Favela do Cantagalo, no aspecto da implantação de redes e serviços de d'água e esgoto quanto a sua contribuição ao acesso, melhoria nas condições de habitabilidade e suas implicações no cotidiano. Investigar se as obras de redes e serviços d' água e esgoto cumprem com o objetivo de reduzir a distância entre os padrões de moradia das comunidades populares e a moradia formal. Diante desse trabalho será necessário verificar quais efeitos os programas de urbanização quantos aos serviços de redes de água e esgoto causam aos moradores da Favela Cantagalo no seu cotidiano.

Nesse sentido elencou-se metodologicamente para da conta do estudo de caso referido a proposição que envolve uma conjugação de análise de corte qualitativo, com levantamento de dados secundários, combinado com um deslocamento da questão da infraestrutura da esfera estritamente técnica para a esfera social e dos estudos macro-quantitativos para uma abordagem de micro - situações, centrados no lugar de moradia e vivência das comunidades de renda baixa. A avaliação qualitativa basear-se-á em trabalho de campo com

mas intersecção entre a análise técnica e a percepção dos moradores através de observação direta, e entrevistas por meio de questionários semi-estruturados, e dinâmica de grupo focal com as comunidades. Os casos escolhidos, como o Cantagalo, são aqueles de favelas que ainda estejam sendo objetos de obras de água e esgoto, e aquelas com obras já concluídas, permitindo assim uma análise em vários momentos dos indicadores de qualidade dos padrões de estrutura das redes; da habitabilidade da moradia; e da prestação dos serviços; e seus impactos na sociabilidade e práticas cotidianas das comunidades populares. Os resultados esperados vão expressar-se na ampliação do conhecimento analítico-qualitativo das condições de habitabilidade antes e pós-obras, incluindo a prestação dos serviços, e seus impactos quanto ao grau de inserção na cidade formal, contribuindo tanto para o debate como para subsidiar mudanças nas políticas de urbanização de favelas no seu novo quadro de complexidade.

A pesquisa abrange várias etapas: (i) Coleta de dados secundários gerais-mapas, foto, planta da favela, número de habitantes e domicílios; visita exploratória inicial de campo para tomar contato com o lugar nas suas dimensões sócio – espacial urbanística, com os atores sociais, e identificação de subáreas problemáticas ou em transformação, com aplicação de questionário para entrevista piloto com agentes especiais (moradores antigos, líderes comunitários...) de reconhecimento do quadro; (ii) escolha das subáreas a serem estudadas mais aprofundadamente e entrevistas piloto completa aplicada a moradores e líderes destas localidades; (iii) etapa central da pesquisa com aplicação de entrevistas por meio de questionários mais amplos a amostra percentual representativa de cada subárea escolhida; (iv) análise de todas as informações coletadas.

No caso do Cantagalo já foram cumpridas as duas primeiras etapas e a partir de janeiro de 2011 o estudo centrar-se-á nas subáreas do Quebra-Braço e Nova Brasília, escolhidas dado a primeira representar à tipologia de moradia e urbanística clássica e a segunda a área dos novos apartamentos, possibilitando, assim sendo, examinar as mudanças na habitabilidade, práticas cotidianas e modo de vida.

Favelas e Infraestrutura

Historicamente, ao pensar o espaço urbano, muitas vezes o víamos como espaço da civilidade, a sede administrativa de uma região, onde vivem os homens de negócios, onde circula o capital. Essa visão está intimamente ligada ao fato de no Brasil, até os anos 30, predominar um modelo econômico agro-exportador. A produção ocorria no campo enquanto a cidade funcionava como elo de integração com os mercados externos e, em consequência local próprio para concentração da renda.

A partir dos anos 30, com formação do Estado Novo, busca-se modernizar o País. O Estado passa a intervir diretamente na produção, incentivando a industrialização e contribuindo para uma urbanização acelerada. Se instalava uma nova ordem econômica e era necessário romper com estruturas tradicionais que inibiam seu desenvolvimento. É assim que o Estado se torna um grande empreendedor de obras públicas, buscando nesse primeiro momento atender as demandas do capital industrial.

Os investimentos aparecem em obras de infraestrutura, novas redes são construídas e articuladas as antigas, que por sua vez tem que ser melhoradas. Já nesse instante começam a surgir no meio urbano grupos que se privilegiam destes investimentos e vão contribuir para diferenciação dos espaços da cidade.

Dentre esses grupos destacam-se: os incorporadores imobiliários, que viram o espaço das cidades se expandir ao mesmo tempo em que determinados bairros se consolidavam; os empreiteiros, que tinham nas obras públicas sua principal fonte de renda e, os proprietários de terras, que tinham seus lotes valorizados. Houve mudanças em diversas outras redes como a viária.

Dentre as demais redes, a de água foi a que mais recebeu investimentos, seguida das redes de esgoto, de águas pluviais e elétrica. Acompanhando o desenvolvimento desses sistemas podemos perceber em que direções a cidade se expandia e como foi se configurando nesse espaço a atual distribuição da população, revelando um processo contínuo de segregação social. No caso do Rio de Janeiro, devido a sua forma física, a expansão das

redes foi vital para a liberação de novas áreas, descongestionando o tradicional centro. Como cidade mais importante do país-sede do governo colonial, imperial, Distrito Federal até 1960-o Rio de Janeiro sempre esteve a frente nesse processo de modernização urbanização sendo uma das primeiras cidades no mundo a ter rede de esgoto e também a primeira cidade a nível nacional com estação de tratamento de água.

O objetivo da construção de redes é sempre buscar solucionar problemas que se apresentam na distribuição dos serviços e consequente equilíbrio, quantitativo e qualitativo, no atendimento a população. Mais ainda, há o descaso do Estado entre os recursos disponíveis e as necessidades visto que, os investimentos de infraestrutura e de redes e serviços nem mesmo supria a demanda do crescimento socioeconômico da cidade.

Os serviços de água e esgoto são elementos básicos necessários para melhores condições de habitabilidade e saúde. As redes de serviços de água e esgoto têm sido implantadas lentamente inclusive nas áreas de baixa renda como o caso da Favela do Cantagalo e não acompanham o crescimento da cidade apresentando assim, como característica a desigualdade social e espacial no que tange as redes de serviços de água e esgoto. Percebe-se que as redes atingem a camada de maior renda onde a necessidade de desenvolvimento por conta do processo de desenvolvimento urbano, político e socioeconômico afim de, suprir as necessidades dessa camada dita de maior renda que colabora com o descaso que o Estado demonstra ter com as camadas de baixa renda e a sua devida localização sócio-espacial. Assim, boa parte da população encontra-se sem acesso a boa rede de serviços básicos como a de água e esgoto.

As políticas de infraestrutura no país para renda baixa no Brasil tem como marca o fato do Estado eximir-se de dotar suas áreas de habitação de serviços urbanos. Trata-se, portanto, mais de uma ausência de política do que uma orientação no sentido da resolução de questões da vida cotidiana das camadas populares, tanto nas questões articuladas à habitabilidade, no caso de água e esgoto (KLEIMAN,2006). O Estado durante pelo menos seis décadas, manteve o descaso não só do acesso a redes de serviço como água e esgoto mais

também a ocupação de terras no caso das favelas sofria a argumentação por parte do Estado que a área era clandestina e os ocupantes ali se encontravam não estavam no direito de uso e ocupação do solo. Na década de 30 do século XX começou uma intensa aceleração no processo de urbanização, com o crescimento das cidades as áreas de moradia populares, que extinguiu-se dos planos de desenvolvimento político tornaram-se áreas de segregação assim ou cortiços e assim de acordo com a localidade e com toda a especulação imobiliária os locais com ausência de infraestrutura tinha também seu preço no quesito loteamento por terra.

O que pode observar é que ao longo de seis décadas o Estado troca uma política de presença, abrangente e sistemática por barganhas políticas: é o momento de instalação de bicas d'água na parte baixa dos morros, uma caixa d'água aqui outra ali, doação de canos, manilhas (KLEIMAN,2006).

Com o descaso político por parte do Estado fica clara a separação, a desagregação sócio-espacial que se encontra não só a cidade do Rio de Janeiro mais muita outras no Brasil de haver a homogeneidade das camadas e de infraestrutura que visem solucionar os problemas da cidade em seu desenvolvimento socioeconômico e político.

Com a pesquisa foi visto que, antigamente na ausência do Estado as camadas populares também tinham a necessidade de construir um lugar para morar e de criar infraestrutura que satisfizesse suas necessidades básicas como: o “gato” na rede de água. Difícil foram as alternativas para a coleta de esgoto poucas favelas tem rede pluvial onde encontram lixo, móveis, roupas e por consequência a “catástrofe” por assim dizer quando chove e tudo alaga causando transtornos a população.

Às desigualdades interclasses sociais agregam-se aquelas inter-regiões brasileiras. Nas regiões mais desenvolvidas-Sudeste e Sul, o abastecimento de água aproxima-se de uma universalização (95,9% e 94,2% respectivamente), sendo que em São Paulo atinge-se 99,4% dos domicílios (52,9%). Referente ao esgoto se no Sudeste já atinge-se boa parcela dos domicílios (82,5%, no Nordeste e no Norte pouco mais de um terço deles são atendidos, (37,8% e 36,6% respectivamente). Como o grau de urbanização avançou muito no

Nordeste e Norte (de 60,65% em 91 para 69,05% no Nordeste e de 59,05% para 69,85% no Norte) percebe-se a defasagem muito importante entre o crescimento das cidades e os essenciais serviços de água e esgoto (Kleiman,2006).

As redes propiciam a criação de um território urbano, posto que produzido a base material confere-lhe condições de uso e habitabilidade através do relacionamento da variável técnica e o atendimento social, por meio de prestação de serviços urbanos: de água, esgoto, gás, eletricidade. A palavra chave das redes trata-se de conexidade, pois ela coloca em relação os diferentes elementos do espaço urbano moradia, comércio fábricas. Essa ligação dos elementos se dá numa relação múltipla independente de sua localização, formas e de grandezas administrativas, políticas e urbanísticas. Opera de forma instantânea, sem intervalo de tempo, necessitando, que os fluxos se deem por trânsito rápido e sem rupturas de maneira homogênea. As redes devem ter também conectividade para quando haja estas rupturas ou bloqueio possibilitam-se caminhos alternativos; assim como devam ter adaptabilidade, seja no tempo, enquanto regulada com diferentes escalas temporais seja ao espaço, por extensão e/ou diversificação (DUPUY, 1985). Mesmo com essas conectividades ainda sim existe a precariedade das redes e serviços de água e esgoto.

As favelas visadas nos anos 1960-70 por uma política de remoção das áreas de interesse do capital imobiliário para zonas periféricas das cidades voltam a expandir nos anos 80-90. No Rio de Janeiro e Salvador entre 20 a 40% da população mora em favelas (MARICATO, 2001). A da década de 1980 observa-se a configuração de políticas institucionais de urbanização de favelas em substituição a ideia de remoção desenvolvendo-se um discurso de intervenção por meio de ações integradas-política de habitação com dotação de infraestrutura, equipamentos urbanos, etc... que na realidade não se concretiza a não ser por alguns êxitos parciais e pontuais. A partir dos meados da década de 1990 identificam-se programas de integração das favelas aos bairros, com o objetivo de inseri-las na cidade formal. Ser contexto que identificam-se Programas de Água e Esgoto para prover acesso aos serviços às camadas de baixa renda. Estes programas com parte financiada por

empréstimos de organismos internacionais, com contrapartida dos governos estaduais e/ou municipais, propõem-se a instalar redes completas de Água e Esgoto, articulando-as, seguindo normas e especificações técnicas regulares. Pensa-se ao introduzir-se estas redes nas áreas de camadas populares, integrá-las a cidade legal. Os primeiros destes programas são os aplicados ao Rio de Janeiro como: o Favela Bairro e o PAC no caso de estudo da Favela do Cantagalo na cidade do Rio de Janeiro. A questão que coloca-se é que estes programas tem revelado-se pontuais atingindo apenas algumas áreas de renda baixa, e por outro aspecto seus resultados são parciais numa articulação à redes de água e esgoto, mas com problemas no serviço prestado (KLEIMAN 1997, 2002,2005).

Esses programas acima citados, tem como objetivo incluir as comunidades populares na cidade formal com toda a dita sofisticação técnica, sendo de natureza macroestrutural sendo o modelo de rede utilizado para água e esgoto assim espera-se. Este modelo padrão da rede de água e esgoto foi concebido para atender as áreas de maior renda. Em primeiro lugar, porque seu porte e sofisticação técnica exige sua alocação onde exista demanda solvável que minimamente reponha o custo de implantação, operação e manutenção, o que exclui as camadas populares, que não têm renda para pagar a manutenção. Em segundo lugar, seu projeto de engenharia prevê correspondência com a ortogonalidade das cidades, não encontrada na estrutura urbanística das áreas pobres onde as “ruas” são aquilo que sobra da superposição das casas, de modo que o modelo da rede não “consegue” nelas penetrar (KLEIMAN, 2011).

As áreas de baixa renda no Rio- principalmente nas favelas passaram-se cerca de seis décadas dos anos 30 aos anos 90 do século XX sem uma política de água e esgoto focada para as favelas. Durante este largo período viu-se a precariedade dos serviços nas favelas. Para as favelas o poder público atuou de maneira clientelista-eleitoreira instalando aqui e ali no “máximo bicos d’água”, enquanto que para “ emprestar-lhes” água quando esta sobrava na cidade, que atinge pequeno número de habitantes, com irregularidade, pouco volume e baixa pressão. Se na água ainda havia alguma opção para dotá-la mesmo que precariamente, quanto ao esgoto restavam as “valas negras” do lançamento a céu aberto.

Em meados dos anos 80, algumas obras são feitas no sentido de instalação de abastecimento d'água, mas atingem-se áreas pontuais e ficam-se incompletas e sem manutenção deteriorando-se rapidamente. Será apenas na segunda metade da década de 90 do século XX que identificamos nos Programas citados acima uma política abrangente e sistemática para prover acesso aos serviços de água e esgoto as camadas de baixa renda.

O Caso do Cantagalo

Histórico

O morro do Cantagalo teria surgido no início do século XX, de modo paralelo ao surgimento do Bairro Ipanema e Copacabana. Quando foram construídos os primeiros barracos da Cantagalo, nos anos 30, o clima no morro ainda era rural, com ares de cidade pequena do interior. O bairro era promissor e jovem e precisa de mão-de-obra para diversos serviços em diversas áreas da construção imobiliária, doméstico. O nome Cantagalo teria surgido em decorrência do clima rural à época em que teriam sido construídos os primeiros barracos no morro. Além do cultivo de hortas, a criação de galinhas era frequente e muitas pessoas acabavam se referindo aquele local como o local “onde canta o galo”. O nome Cantagalo acabou estabelecendo-se, mas, hoje, muitos chamam apenas de Galo.

Os primeiros moradores já encontravam facilidade quanto aos meios de transportes públicos como ônibus e linhas regulares de bondes. Mas logo começaram as reivindicações em geral principalmente das redes de água e esgoto.

Ainda em meados do século XX, eram poucas casas no morro, as que existiam não eram construções de alvenaria (como hoje) e a situação de vida era bem (mais) precária. Diferentemente do asfalto, não havia luz elétrica, abastecimento de água, coleta de lixo ou rede de esgoto e a locomoção das pessoas era dificultada pela lama e pelo acúmulo de lixo, principalmente, em períodos de chuva. Os moradores mais antigos afirmam que, devido, principalmente, ao fato de as necessidades serem maiores e as intervenções do governo

menores, antigamente a solidariedade entre os moradores era grande, todos se ajudavam em mutirões comunitários. Questões relacionadas a habitação das parcelas mais pobres da população costumavam ser negligenciadas, abrindo brechas para o próprio crescimento das favelas. No Cantagalo não foi diferente, além da remoção por parte do estado que teve seu auge nas décadas 60-90.

No início do século, devido à presença de um Posto de Observação do Exército ligado ao Forte de Copacabana no Morro do Cantagalo, que dificultava as ocupações no morro, a favela era pouco povoada. Apenas com autorização deste, os moradores podiam se instalar naquela localidade. Estes moradores eram oriundos do interior do Estado do Rio de Janeiro e de outros Estados do Sudeste, como Minas Gerais e Espírito Santo destoando da origem dos moradores de outras favelas, como o próprio Pavão Pavãozinho, mais expressivamente povoado por imigrantes nordestinos, vindos em paus-de-arara a partir da década de 1930, como destacava Marzulo (2005).

No passado foram poucas as intervenções do Estado no Cantagalo. Até o final da ditadura militar, em geral, poucas eram as ações do poder público nas favelas. As que existiam estavam geralmente ligadas as questões de segurança, o, no máximo saúde pública.

Nova Brasília é o menor setor do Cantagalo em território. É delimitado pela estrada do Cantagalo, principal acesso de veículos e pedestres à comunidade. E o Quebra- Braço, até onde pesquisou-se tem esse nome desde que um rapaz apanhou tanto que quebraram o braço dele, justo naquela parte do morro. Por isso apelidaram de “quebra-braço” fica na região mais baixa do Cantagalo.

Na década de 40 poucas eram as casas. Era proibido construir casas de alvenaria. O exército controlava tudo. Eram os responsáveis pelas terras do morro. Barracos de estuque apenas, para construir uma cerca tinham que pedir autorização no Forte de Copacabana. As condições eram muito precárias, não existia luz elétrica, usavam lampião. As águas buscavam em obras na rua, no poço, nas casas das ruas. Segundo relatos de moradores as próprias famílias pediam para encher suas latas d’água nas bicas dos jardins

das residências da Rua Saint Roman. Depois os moradores passaram a descer pelo Caminho da Pedreira e percorrer a Humberto de Campos. Durante toda a década de 40, políticos em campanha eleitoral usaram os moradores da favela para conseguir votos em troca de pequenos favores. Os preferidos eram exatamente os bicos de luz e as torneiras de água. A situação chegou a tal ponto que era necessário pegar água em uma bica na Favela da Catacumba. O esgoto era lançado nas valas, não havia banheiro nas casas. Era preciso fazer uma fossa: Segundo depoimento de um morador antigo do Cantagalo “E pessoas tampavam e deixavam um lugar para a gente despejar, não dava mau cheiro, porque a gente colocava creolina”.

Não tinha lixeiras, pessoas jogavam lixo nas ribanceiras, ou cavava um buraco no chão e colocava o lixo, ninguém subia para dar ordem ou conscientizar dos problemas que isso traria. Muitos faziam necessidades e embrulhavam no jornal e jogavam longe e às vezes caía na cabeça de quem passava, e muitas vezes no telhado de zinco das casas, fazendo muito barulho conhecido como “ pombo sem asa”.

Não tinham escadas, era tudo barro, quando chovia tinham que pinçar os pés para não cair. Era tudo mato em volta, os moradores ficavam felizes quando tinha lua cheia, pois iluminava todo o morro. Quando não tinham, usavam lanternas ou lampiões. Durante muito tempo, a Igreja Católica teve uma importância quase hegemônica na vida da comunidade, sendo atribuída à sua ação, juntamente com o apoio da Fundação Leão XIII, a resistência à política remocionista da década de 60.

Com o esmaecimento da ditadura militar, muitas iniciativas políticas locais surgiram e ressurgiram. Dentre elas, a Pastoral das Favelas, que enfatizava a importância do morador permanecer em sua comunidade. Na época, foi reconquistada pela Pastoral a iluminação de todas as favelas. O então ministro Oswaldo Aranha liberou turmas da Light para instalarem postes nas comunidades tornando decente a iluminação aérea.

Durante muito tempo a Igreja Católica teve uma importância quase hegemônica na vida da comunidade, sendo atribuída a sua ação, juntamente com o apoio da Fundação Leão XIII. O objetivo da pastoral era buscar recursos para fazer

melhorias nas favelas. Este serviço consistia em atender as necessidades da comunidade. Se ela estivesse ameaçada da remoção, a Pastoral de Favelas colocava advogados a disposição dos favelados. Quando ocorria violência policial em determinada comunidade, a Pastoral estabelecia um dialogo entre a secretaria de Segurança Pública e a comunidade. O pape da igreja também teria sido decisiva nos momentos de luta contra a remoção segundo o relato dos moradores cuja, as casas eram de alvenaria. Com os diversos tipos de casa era constante por conta da tempestade em 1966, parte do morro conhecida como Quebra-Braço desmoronou até a Rua Teixeira de Melo, em Ipanema. Em meio aos esforços para a recomposição do morro, foram construídos alguns prédios as suas margens que encurtaram o espaço ocupado pela favela.

Diante de tantas dificuldades de infraestrutura e serviços de redes como água, esgoto e luz, surge a Associação dos Moradores do Morro do Cantagalo que teve seu primeiro estatuto em 1946. No começo tratava-se de um grupo de moradores que se reunia com fins de buscar melhorias para a comunidade. A formalidade teria chegado aos finais dos anos 50, inicio da década de 60.

Na década de 60 diferentemente do que fez com outras comunidades da Zona Sul, o Governador Carlos Lacerda não tentou erradicar a favela ou remover os moradores de lá. Em vez disso Lacerda executou obras de melhorias no abastecimento de água bem como em escadarias. Havia um Posto de Observação que praticamente controlava a ocupação na área permitindo apenas a ocupação de barracos já existentes na área. Com a sua desativação já na década de 80 os mini-sítios dos ocupantes pioneiros foram retalhados e ocupados. Segundo os moradores um dos marcos de desenvolvimento do Morro foi a desapropriação do inacabado Panorama Palace Hotel.

Na década de 60 e 70 na Favela Cantagalo não foi diferente, além da ameaça de remoção por parte do Estado, que teve seu auge na década de 60 e 70. Os moradores mais antigos mencionavam d modo ais efusivo apenas a atuação do governo Brizola, nos anos 1980, quando foi construída a estrada do Cantagalo, melhorias relativas à urbanização do morro de um CIEP no prédio do hotel já mencionado aos moradores do morro, além do inicio da discussão sobre a

titulação das propriedades. Alguns moradores ainda mais antigos destacam também a atuação do ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda que foi o responsável pela instalação de bicas d'água no morro. Não pode-se deixar de frisar outros importantes meios de programas para ajudar no desenvolvimento de infraestrutura da Favela Cantagalo. Um deles é o GTI- Grupo de Trabalho da Igreja que segundo os moradores uma das realizações mais expressivas foi a construção da creche POP (Pequena Obra do Presépio).

No momento, grande parte desta movimentação é devida as obras de urbanização financiadas pelo Governo Federal através do Programa de Aceleração de crescimento- o PAC.

As casas no morro são, geralmente, pequenas e dão impressão de estarem sempre em um processo de construção que nunca termina já que, á medida que os filhos crescem e formam suas famílias, as lajes vão dando espaço para novos cômodos que servirão como moradia para elas.

As construções são, na maioria das vezes, desordenadas avançando de maneira a diminuir os espaços entre as casas e a dificultar a passagem dos moradores, e de seus pertences. Há apenas uma rua por onde os carros poderiam passar no morro a Estrada do Cantagalo. No entanto, raros são os moradores que têm carro. Na favela há bastante comercio, padarias, mercearias, lojas de roupa, salões de beleza e muitos bares e pequenas lanchonetes. Há quadra de futebol e quadra de futebol e quadra de samba. Há também a sede do GPAE no Cantagalo- espécie de policiamento comunitário. O CIEP- atualmente uma escola municipal de ensino fundamental, a Faetec um órgão estadual que oferece cursos profissionalizantes e o Espaço Criança Esperança projeto social da Rede Globo em parceria com a UNESCO além de inúmeras ONGs pequenas.

Ao longo dos anos, o Cantagalo sofreu inúmeras modificações. A favela consolidou-se. “Caminha a passos largos rumo a sua completa urbanização e sonha em tornar-se bairro”. Atualmente as casas são majoritariamente, de alvenaria e serviços como abastecimento de água, esgotamento sanitário, pavimentação e iluminação, entre outros, trouxeram melhorias para a qualidade

de vida de sua população, mesmo aqueles que não funcionavam ainda de modo completamente satisfatório, como é o caso da questão da coleta de lixo.

Segundo o censo 2000 do IBGE, o morro do Cantagalo abrigaria uma total de 3884 pessoas residentes e 1009 domicílios. O censo de 2010 ainda não foi disponibilizado, mas de acordo com o levantamento feito pelo Instituto Atlântico em 2009, há 1485 domicílios no morro. Em relação a população, não há um consenso, mas a média das opiniões gira em torno de 6000/8000 moradores.

Não pode-se esquecer a diversidade interna da população do Morro do Cantagalo. Como já afirmavam Preteceille e Valladares (2000), “ Favela não deve ser definida homogeneamente e de modo simplista como “ lócus da pobreza urbana”.

Com áreas escolhidas da Favela do Cantagalo para estudo foram: Nova Brasília e Quebra-Braço. A primeira, parte mais alta e verticalizada do morro, privilegiada por sua vista, e pela maior facilidade de acesso aos serviços pela presença da Estrada do Cantagalo. Este setor foi escolhido também por constituir uma nova realidade no morro, tanto tipológica (apartamentos com plantas padronizadas, se possibilidade de alterações) quanto em relação às redes de infraestrutura mais formalizadas e a principio mais regulares e também por trazer novas noções de sociabilidade e esferas pública e privada para os moradores. Na pesquisa a investigação para ver como anda essa mudança foi feita por meio de entrevistas. Total de apartamentos é de 120, logo, 12 entrevistas.

Já o Quebra Braço apresento um pouco da diversidade tipológica existente neste setor, que por sua vez reflete a diversidade econômica e social de seus habitantes. Para indicar também as relações espaciais criadas entre as casas, ora muito próximas ora isoladas.

Entrando na infraestrutura: A água que chega ao Cantagalo vem da elevatória localizada na Sá Ferreira (Copacabana). Quando a bomba de lá quebra, o abastecimento de água é comprometido. A água é bombeada até chegar a caixa principal (caixa 1), localizada em Nova Brasília . Esta caixa existe desde antes da favela, abastecia parte de Copacabana e era utilizada pelo posto de

Observação do Exército, que se instalou no morro até a década de 80 e controlou a ocupação das casas.

A caixa 1 abastece o setor Nova Brasília e Bombeia água para a caixa 2, localizada na Igrejinha, foi construída pelo Favela-Bairro, substituindo uma torre de água existente, que não dava vazão. Esta caixa abastece o Quebra Braço. . Na Associação de Moradores, este papel diz oficialmente quando se dá a “abertura da água”. Os ramais são controlados por manobristas terceirizados da CEDAE, queres do Morro. O ramal do Quebra Braço é aberto 2º e 6º feiras. Aos domingos o dia é neutro, ou seja, se for necessário um ramal é aberto. 65% dos entrevistados consideram o abastecimento e o volume suficiente para as atividades do dia-a-dia.

A maioria dos moradores possui no mínimo uma caixa d’água. A capacidade costuma ser de 1000L para cima. Os que moram em casa de madeira não possuem caixa d’água, o armazenamento é garantido apenas através de bacias, baldes e galões. Mesmo os que possuem caixa d’água sentem necessidade desta alternativa, pois como o abastecimento não é diário, pode faltar água, principalmente no verão (70%).

Alguns reclamam que, apesar da falta, há muito desperdício de água por parte dos moradores. Como, o Quebra situa-se na parte baixa do morro, todos disseram que a pressão com que ela chega é boa. Nem todos tem a preocupação de tampar as caixas e os galões, representando um apontamento de problema, como foco de dengue, além da possibilidade de contaminação da água.

Ligações e conexões à rede de água são feitas pelos moradores, eles compram e instalam as caixas d’água e os canos. Por isso e pela falta de verba para investir em uma mão de obra que faça encanamento embutido, muitas são improvisadas e bastantes expostas. Algumas são feitas através de mangueiras - e não canos de PVC – entre a caixa d’água e o equipamento. As casas que possuem caixa d’água conectam o(s) equipamentos(s) diretamente ao registro. A pressão que a água chega é boa, pois o Quebra situa-se na parte mais baixa do morro.

Quanto as intervenções urbanísticas: Brizola foi o primeiro a fazer um projeto piloto para o Cantagalo - antes somente intervenções pontuais de políticos e mutirões. Introduziu o Projeto PROFACE da CEDAE, instalando uma rede de esgoto mais ampla. Antes, existiam muitas valas negras. Este foi um projeto amplo e que de fato melhorou as condições de vida dos moradores.

O Favela Bairro, em 2003 deu continuidade ao projeto, ampliando a rede de água e esgoto. Ambos os projetos “resolveram” a rede pública, deixando as instalações domésticas por conta dos moradores. Algumas são bem executadas outras ainda são improvisadas dando margem à problemas. O esgoto do Quebra desce todo o morro, de caixa em caixa até chegar a rede e emissário de Ipanema.

O maior problema apontado é o transbordamento das caixas quando chove e quando ela não aguenta o volume de esgoto das casas. Dentro das casas, o esgoto não apresenta problemas.

Além do transbordamento das caixas, ainda há improvisos nas ligações entre as tubulações e entre estas e as caixas de inspeção. Por exemplo: há vários canos para uma mesma caixa (que também gera transbordamento) há canos quebrados para conexão de outros tipos de esgoto. Ainda ocorrem casos raros e isolados de esgoto a céu aberto.

A pacificação foi fator importante para todos os investimentos privados que vem acontecendo no morro. A Light entrou como programa de regularização da rede em abril de 2010. Substituiu lâmpadas incandescentes por fluorescentes e geladeiras velhas por geladeiras eficientes e instalou novos relógios para controlar os gatos. 15% não tem novos relógios e 50% dos moradores disseram que a conta está vindo mais alta do que antes e que agora tem que pagar por que se não a Light cortará a luz e 65% disseram que não pagava as contas. 60% disseram que a luz residencial está constante, outros reclamam de picos e falta de luz, pois a Light ainda está no processo da regularização. A luz pública não atende ao logradouro. Há postes sem lâmpadas, ou com lâmpadas quebradas, há também postes que funcionam de manhã, desperdiçando luz. Há o emaranhado de fios na maioria dos postes. Percebemos através do mapa que há becos sem postes.

Por conta destes problemas ainda não resolvidos, os moradores apelam para soluções alternativas, como instalar refletores nos postes e a tradição de proteger as lâmpadas dos postes com garrafa pet. Há também lâmpadas na porta de casa, do lado de fora.

Há muitos locais onde as canaletas estão sujas e outros onde a água corre livremente. Isto depende da maneira como os moradores cuidam de seu espaço. Nas partes planas do morro há bocas de lobo de concreto. Algumas canaletas são em forma semicircular e outras em forma de escada, onde é mais fácil do lixo acumular. Há “ruas” onde não há canaletas nem bocas de lobo. Duas das soluções vistas foram: cavar um buraco no chão, ou deixar uma abertura do bueiro com um pedaço de madeira, para escoar a água de chuva e para lavagem de roupas for de casa. Que vão para a caixa de esgoto. O Favela Bairro elevou o nível de algumas ruas, para fazer a canaleta nas laterais porém, há falta de manutenção.

O lixo é um grande problema no morro, e no Quebra Braço principalmente. As caçambas disponíveis estão muito longe deste setor. A única opção é deixar o lixo na Estrada do Cantagalo ou descer a escadaria e deixar no depósito da rua Barão da Torre.

Um dos pontos onde há lixo acumulado está em uma área onde houve deslizamento com a chuva de abril de 2010, destruindo 3 barracos de madeira que tinham ali. O outro lixão já é até referência no morro. De tempo em tempo vem garis da Comlurb, mas de nada adianta, pois os moradores continuam jogando, alegando não ter caçamba perto e a que tinha foi retirada ela obra do elevador. Antigamente eram casas de madeira nesta ribanceira, mas os traficantes tacaram fogo nelas e desde então, virou depósito de lixo.

A maioria dos moradores apontaram a falta que faz o gari comunitário-substituídos pelos funcionários da Comlurb desde Dezembro de 2010 , graças a pacificação. Eles varriam as ruas, levavam o lixo até as caçambas, o morro era mais limpo, dizem os moradores. Por outro lado, muitos ficaram acostumados e agora procedem de forma descuidada. Os próprios moradores reconhecem isto e a falta de conscientização.

O elevador panorâmico faz parte do complexo Rubem Braga, e foi inaugurado em junho de 2010, construído pela empresa Odebrecht. Casas foram demolidas para dar lugar a esta obra. Moradores foram indenizados pela Odebrecht e compraram casas em outro lugar no morro ou se mudaram do Cantagalo.

Moradores com casas próximas ao elevador temem a demolição na continuidade do projeto “PAC 2 “ (nova estrada a partir da 2ª torre de elevador até a Estrada do Cantagalo). A incerteza os atormenta desde 2008.

Além dos elevadores, as obras revitalizaram o acesso do morro, com a retirada da caçamba de lixo, nova pavimentação da escadaria, iluminação, áreas de lazer, e contenção de encostas.

Todos entrevistados o utilizam no dia-a-dia, e o veem como um elemento facilitador do deslocamento que beneficiou a todos, pois a escadaria antiga era muito cansativa e precária. Alguns, no entanto, dizem “saber”, que a obra não é *para eles*, mas para os turistas. Percebem que os novos investimentos acarretam em investimentos sociais, aumento no preço dos aluguéis, no número de visitantes e de pessoas “de fora” vindo morar no morro, regularização, etc.

Reclamam que a obra retirou as caçambas do Quebra Braço, restando apenas o novo depósito na Barão da Torre, também construído pela Odebrecht, cujo acesso só pode ser feito pela escadaria. Eles percebem que isso é para os turistas não verem o lixo. O elevador tenta esconder os problemas da favela.

As obras do PAC tiveram início em 2008. A **AR1** (prédios abaixo da Estrada) foi entregue em agosto de 2009 e a **AR2** (prédios acima da Estrada) entregue em junho de 2010. Construído pela OAS, coordenado pela Seobras e financiado pela Caixa. Foi obtida licença da FEEMA e da SMU. Foi preciso estabelecer novos parâmetros para a zona.

Os moradores vêm de diferentes partes do morro. Da rua Custódio de Mesquita (alargamento da estrada e conexão a estrada do Cantagalo), prédio onde

agora é sede da UPP, moradores de Nova Brasília onde foi construído o bloco B da **AR2** e moradores do Pavão Pavãozinho de áreas de risco.

Os prédios são uma nova realidade em fase de adaptação, que contrasta tipologicamente com as casas existentes, e traz novas noções de sociabilidade e esferas público x privado.

O **AR1** possui uma quadra que foi fechada pelo síndico ficando o uso exclusivo dos moradores destes blocos. Alguns apartamentos da **AR 2** bloco B ainda não ocupados foram invadidos e depredados, e depois de muito tempo interditados pela fiscalização. Apropriação do corredor como extensão da casa, da área de serviço, e colocação de portões delimitando a privacidade de cada morador. Os portões colocados pela OAS apenas na **AR1**, configurando uma espacialidade privada, em oposição a **AR2**, que tem acesso livre.

Há contrastes de todos os tipos desta nova realidade em relação a favela e entre os próprios prédios. Há relatos de conflitos de vizinhança de 50%. Alguns moradores, principalmente os da cobertura indicaram infiltrações e rachaduras, alegando que o material é de má qualidade.

As caixas d'água da **AR1** recebem água direto da elevatória da Sá Ferreira, pois estão em localização propícia para que o bombeamento da água chegue com pressão suficiente à cobertura.

A **AR2** precisa de cisternas que ficam expostas, entre os 2 blocos, com acesso livre. Cada uma tem capacidade de 5000l, cada uma bombeia a água para um bloco.

As caixas d'água de cada um dos blocos tem capacidade de 9000l. O abastecimento foi criticado por 85% dos moradores. Não está suficiente e nem regular. Fazem armazenamento alternativo.

A manutenção e a manobra é feita tanto pelo manobrista de Nova Brasília (mediante o pagamento do síndico, que recolhe uma taxa de condomínio dos moradores – maioria não paga) quanto pelos síndicos de cada bloco. O mandato dos síndicos é de um ano, dos 4 síndicos, 2 já desistiram, pois são muitos problemas para tratar e muitos conflitos entre os moradores.

A rede de esgoto foi elogiada por 90% dos moradores. Apresentando para o que reclamou problemas de entupimento interno. Ao contrário do que foi dito no

Quebra, as caixas de inspeção não estão transbordando e são de concreto, aparentes nas encostas. É notório que a rede e as ligações são formalizadas e os moradores já as recebem prontas, ao contrário do que acontece no Quebra e em todo o morro, onde eles são responsáveis pelas conexões.

Ao contrário do Quebra, aqui as canaletas de drenagem não estão poluídas e correm de forma mais organizada ao longo de toda a contenção e por dentro dela. Cada prédio possui 3 tubulações (uma no meio e 2 nas extremidades, na fachada da frente) que drenam a água da cobertura até a caixa de AP e a circulação comum também tem a água de chuva expelida através dos tubos, evitando alagamento em caso de chuva forte.

O caminhão da Comlurb passa na Estrada do Cantagalo diariamente, 2 vezes ao dia. Ao contrário do Quebra-Braço, existem caçambas próximas aos prédios, mas ainda ocorre acúmulo de lixo nos locais onde são depositados - embaixo do prédio e na Estrada, evidenciando que a coleta e o número de funcionários da Comlurb está sendo insuficiente.

Iluminação pública atende parcialmente na Estrada do Cantagalo, alguns postes não funcionam segundo 20% dos moradores.

Entre os prédios é inexistente, os moradores que chegam à noite utilizam celular para iluminar o caminho. Iluminação residencial regular e constante. Iluminação na circulação comum dos prédios atende parcialmente, pois algumas estão quebradas. Constituem uma grande alteração na vida dos moradores, assim como no Quebra-Braço. 80% dos moradores disseram que não pagavam conta de luz. Ao contrário do Quebra, todos tem relógio e pagam a conta atualmente.

50% dos entrevistados não tem costume de usar o elevador “do Metro”, por este se localizar longe dos prédios. A opção para eles é descer a Estrada do Cantagalo: a pé, de Kombi, carro, mototaxi, ou taxi; chegando à rua Saint Roman, a qual dá acesso tanto a Copacabana quanto a Ipanema.

Outra opção são os elevadores do espaço conhecido como “Brizolão”. Apenas 1 dos 3 elevadores funcionava, precariamente, mas estão atualmente em obras - previstas no projeto do PAC - para ser uma nova opção de acesso rápido à Ipanema, já que sai na Alberto de Campos.

Os problemas devem ser relatados aos fiscais da obra, porém, os moradores falaram que eles não tem aparecido e os problemas estão se acumulando.

CONCLUSÃO

O Cantagalo tem um considerável histórico de intervenções, mas que até hoje não atendem plenamente a habitabilidade de seus habitantes, forçando-os a improvisar e adaptar maneiras de minimizar os problemas e as faltas. Cada setor apresenta uma diversidade de problemas, que ora se aproxima - como o abastecimento de água insuficiente - e ora se diverge – como a dificuldade do depósito de lixo e as diferentes possibilidades de acessibilidade, entre os setores. As intervenções urbanísticas e de infra estrutura têm gerado alianças, rivalidades e diferenciações, assim como diferentes respostas e percepções, por parte dos moradores de ambos setores, revelando a diversidade de cotidianos, modos de vida, condições de luta e de articulação com o espaço e com as pessoas (vizinhos, Associação de Moradores, poder público, ONGs), no objetivo de defender seus interesses e direitos - particulares ou coletivos - de se ter uma vida minimamente digna. Estas intervenções, somadas às intervenções sociais estão vindo de uma forma que os moradores nunca receberam antes, e a pacificação tem forte papel nisto, mas muito ainda está no papel, o que provoca desconfiança e temeridade nos moradores, afetando muitas vezes a saúde dos mesmos. Todos estes fatores apresentam a dinâmica organizacional desse lugar, corroborando a ideia de que a favela não é uma unidade homogênea e que sua localização e o contexto histórico influenciam o processo de decisões e intervenções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

Moradores e Associação de Moradores do Cantagalo

Instituto Atlântico (Reunião com escritório Souza, Cescon, Barrieu & Flesh Advogados)

Arquivos do Laboratório Redes Urbanas

SMH – POUSO (Reunião com Marcelo Fonseca)

BURGOS, Marcelo Bauman. (1988), “Dos parques proletários ao Favela-Bairro: As políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro.” Em: ZALUAR, Alba [e] ALVITO, Marcos (orgs). Um século de favela. Rio de Janeiro, FGV.

SABREN - <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/sabren/index.htm>

<http://www.favelatemmemoria.com.br>

http://www.cobrape.com.br/det_portfolio.php?id=103

<http://www.observatoriodefavelas.org.br> (Artigos: “A invenção das “ex-favelas”, por Thiago Ansel ; “O que é a favela, afinal?” por Observatório de Favelas)

<http://web.observatoriodasmetropoles.net/> (Dissertação de Ana Carolina Christóvão : “A vizinhança importa: desigualdades e educação no morro do cantagalo – rj”).

Bastos, M.O e Soares, M. de F.G. Urbanização de favelas. Cernos _ IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, v. VII n.3.p. 45-58, (dez. 1993).

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 2005. 5ª ed.